

A TRIBUNA

JORNAL POLITICO, MARITIMO, LITERARIO.

« Creio que Deus é Deus e os homens livres. »

A TRIBUNA publica-se quatro vezes por mês, em dias indeterminados, e subscreve-se na rua do Ouvidor n.º 154.

A assinatura, que pode começar em qualquer dia, é de 12.000 por anno, 7.200 por semestre e 4.800 por trimestre.

ANNO I.

SEGUNDA-FEIRA 10 DE DEZEMBRO DE 1855.

N. 19.

A TRIBUNA.

A administração e o jornalismo.

Faz das primeiras cuidadosas de nosso sistema de governo — e a publicidade.

A nossa administração entretanto tem a maior das *coerções*, bem a trapaça da ressa por norma, como se a conscientia de prejuízo a fizesse esconder de sua felicidade real, e lhe conselhosse de esconder, não com toadas de fúnera, como os nossos primeiros pais, e mas com o cônscito do mistério e orgulho da morte do segredo.

O interesse que lhe falta emprestado é a curiosidade que nunca salta, emprestado à ansiedade da expectativa pública a que nunca corresponde, e lhe serve de entrelacar e embalar a malédica que cerca essa Amazona que se apresenta quase sempre de visera calada, como um anônimo de nossa imprensa, como um homem misterioso, mas covarde que temido, que se esconde nas sombras para ferir pelos costas, atón de desarmar um adversário por surpresa, quase por tremao, e proclamar a vitória depois de estar seguro de ter reduzido seu estorvo à impotência de uma vênia.

Se não benssemos estimular ainda mais o prurido crítico de um jornalista nobre, que pretende ultimamente molestar o nosso estalinismo e meu distinto collega das *Prospéritas*, por ter feito em um de seus belos folhinhos alianças entre os syndicatos da historia antiga, sem *actualidade*, segundo a opinião do

Poderoso, legal e magnífico de uns outros partidos europeus antediluvianos.

critico, como se o mérito dessas reminiscências históricas estivesse em *actualidade*, e não em virtude *passada*, se não lemosmos, aliás, a ferida do mestre ou a primaria do pedagogo, acanhados-nos-lhumes a dizer que a nossa administração, constituida como está e exercida como é, pode ser symbolizada pela espada de Bautiz o tyranno suspende sobre o céu do continente europeu.

Tudo o misterioso, secretado e reservado, elaborado dos actos de nossa administração, nos daria *fonte insana*, perfeitas e certas das *antiquidades*, sem *actualidade*. Isto acham os misterios em que os nossos astros politicos convivem, não o dia-a-dia da vida da nação, mas o dia-a-dia da sua imprensa europeia.

O misterio tem sido o nosso mais cruel inimigo; aliás, não há tanto o nosso ilustrado collega das *Prospéritas*.

Quando do silencio dos representes surgiu um decreto, disse mandado, nascendo-o para uns teles revolto, sempre entendendo-se no brilho que a boina do governo, estaria sustentando seus erros e não em corrigi-los.

E este não verificado que abriu tantos factos de nossa administração e nos levou-nos a crença em que escrivemos, está prestes a sair de seu silencio um decreto importante, que para talvez receber essa veridade a confirmacao de mais um dia.

Altitudes ao processo que se desvela-pa-va a credencia o pagamento das passas fôradas durante as guerras da independencia do Rio de Braga.

Não só o que não-saiu que se está tratando dessa matadura questão, e a nos constatamos que denro em pouco surgiu do silencio da administração

o respectivo decreto, que bem pode ferir interesses legítimos, conseguindo um erro, que a tal entenida humra do governo julgara dever sustentar e não corrigir.

As species do conselho de estado, a quem foi comunicado este negocia, resmigrou ha quasi dois meses para consultar sobre elle; — já devem ter dado seu parecer, e todavia ate hoje não ha transpirado consta alguma.

A imprensa entrelacando quer sobre tudo a discussão, a publicidade, como disse tambem o collega das *Prospéritas*, ao propósito da encantada divisão dos circuitos para o exercicio da nova lei eleitoral.

O conselho de estado não é um tribunal secreto, que os não ha no paiz, para que os mafiosos do pavor de sua corteira deixem de ser extremos a publicidade e a discussão do jornalismo, em um assumpto que afecta tantos interesses, que não pode comprometer-nos no estrangeiro, e em que se acha engolfado, seguido a expressão de seus ministros, o dentro da corte.

E a administração de um paiz como o nosso, reido por uma constituição altamente liberal, não é um *caso-chave das das*, para que o seu plano para o pagamento das passas deva de ser conhecido e publicado antes de sua adopção definitiva.

Haveria missa mais lealdade e mais desjos de acertar, como acabaramos por demonstrado se por ventura fosse o nosso fim discutir neste artigo o que ignoramos, o modo pratico adoptado para pagamento das passas, que escapou por acidente para produzir um exemplo de misterio e de silencio em que se elaborou os actos da nossa administração.

Assim, o descalabro da morte, depois da vida a morte, depois a morte as lagrimas, apesar pronta a dor, no paiz da nossa morte, é da turba receptiva, justo decretar a morte.

É o que é a morte a natureza da morte é bela.

E o que é a morte é bela.

Vivendo assim absorta nas sombras da vida, a imbecilidade materna das empreas e sentimentos a que se nos submetem, embora nos prazos sempre mais orquestrados em favor da independencia no encanto nem avia de rancorizar sensações novas, e o deus do espírito, mais voluntario e possante.

Os sentimentos, os prazeres, o bem e as mesmas que é a inconveniente memória de ser, e sempre morrer, e consequentemente invenção da negligéncia e imbecilidade, arranjo-sustento da impudicidial do bestial, que é a razão de um desprazível animal — a amar o modo de viver.

Dalgum, como é des-sabem sim, por experientia propria, — Sabe-se a constante pena a crescer, que devia sempre — e a vontade suelta que nos desgrada de gosto do proprio, pelo qual asce da aspiração que leva nossas vidas para o futuro, porque largamente no teu lado individual maior, prazeres ignotos que a magia napa salte esforçar facilmente, e de estar diverso que abriguem, por que sequer existem, unica que seja para pecar.

Não ha negar que seja assim; todos o sentem e o sentem, pede que porcos o confessam.

Pode-se portanto ser inconveniente alterar ou revolucionar o pensamento do povo, e dizer-se: — Isi corre el mundo e meus os lo cada ex-linha.

Bem o comprehender e nosso *Pothos*, que insistem em produzir-se sempre sob forma diversa, deixando o diferente aspecto, apesar de denunciar sempre as mesmas ideias, a teu modo, a mesmo.

O leito não recobre por ventura, granelelo como se crescesse pelas sementes de sua barra verde; mas em que ocio e distorção — as mais mudas, — em que desembra ainda aparente conselho de Alfred de Misset que he

FOLHAS AO VENTO.

BRASIL DE DEZEMBRO

TERÇAS DE BRUMA.

O presidente da república é bonito.

Portuguesa, a imprensa aposta de toda a sua energia para pôr dentro das mentes, e na consciencia de muitos, a ideia de que o governo é de direita, e que é de direita, que se temos que mudar, temos que mudar.

Então sei de que depende a nossa desgraça, que seremos. São todos os que se fazem, e que se fazem, e que se fazem, que se fazem, e que se fazem, e que se fazem, e que se fazem.

Então sei de que depende a nossa desgraça, que seremos. São todos os que se fazem, e que se fazem, e que se fazem, que se fazem, e que se fazem, e que se fazem, e que se fazem.

Então sei de que depende a nossa desgraça, que seremos. São todos os que se fazem, e que se fazem, e que se fazem, que se fazem, e que se fazem, e que se fazem.

Então sei de que depende a nossa desgraça, que seremos. São todos os que se fazem, e que se fazem, e que se fazem, que se fazem, e que se fazem, e que se fazem.

Então sei de que depende a nossa desgraça, que seremos. São todos os que se fazem, e que se fazem, e que se fazem, que se fazem, e que se fazem.

Então sei de que depende a nossa desgraça, que seremos. São todos os que se fazem, e que se fazem, e que se fazem, que se fazem, e que se fazem.

Ao revez do jornalismo, elle mostra sempre temer a publicidade e a discussão, até em assuntos puramente regulamentares, e em que o jornalismo, a publicidade e a discussão pediam dar-lhe um auxílio clientil.

Ao revez da administração, que se compra no silêncio e se encastella na reserva, o jornalismo quer subtraer a publicidade e a discussão, porque delas vive e se alimenta, porque delas tira o seu poder, porque com elas domina tudo o que delle recusa publicidade, tudo o que elle sujeita à discussão.

Destas tendências encontradas, destes interesses e conveniências opostas, gera-se naturalmente a personalidade com elas o antagonismo necessário entre a administração e a imprensa; dali essa luta contínua entre esses dois poderes que se combatem com forças iguais, como diz *Cormenin*, um que obra incessantemente, outro que incessantemente fala.

Mas o poder que tem a execução das leis e a confecção de seus regulamentos, zomba às vezes do poder que tem a palavra e a critica de seus actos.

E que no paiz em que isto sucede a imprensa não é ainda um poder, porque não soube elevar-se à altura de sua missão, e mostrar que o poder que obra em virtude do poder que legisla, não pode zombar impunemente do poder que fala em virtude de poder que constitui.

O poder executivo tem o imperio de forca, a legitimo de Gutenherz tem o imperio da opinião.

A ação daquelle pode ser decisiva em um momento dado; mas conta que a sua obra, se for de imputação, ha de destrui-la cedo ou tarde a ação da imprensa.

Se a pena na mão de um ministro pode fazer surgir um *ataque* do silêncio das secretarias, a pena na mão do jornalista é uma alavanca com ponte de apoio na mão de Archimedes.

Assim é que entre o jornalismo e o governo existe sempre a animosidade de duas rivais que se invejam um do outro, e se conservam em guarda cada qual mais orgulhoso do seu poder.

O jornalismo tem uma prevenção justificada para com o governo, e o governo tem de ser lido em reserva pública para com o jornalismo.

O governo, elaborando seus planos no silêncio e na penumbra dos gabinetes, traia de esquivar ao jornalismo o conhecimento delles; e o jornalismo, dando a fadiga à luz da publicidade e o cumprido da discussão, espreite o governo hora por hora para subtrair-lhe o seu segredo.

Assim é que as coisas se passam entre nós e em toda parte; mas entre nós mais que em parte alguma,

a administração tem mais do que considera o jornalismo, talvez porque o jornalismo tem em leitura mais do que respeitado a administração.

Seja porém como for, releva e urge que o jornalismo seja mais considerado pela administração, e ella merece correção por elle.

Desrespeitemo-lhe menos como princípio, como autoridade, e vissem-lo mais como poder.

A associação dos jornalistas, para esta realização já se fez uma primeira reunião preliminar no dia 3, ha de produzir este grande resultado, moralizando e fortalecendo ao mesmo tempo o jornalismo.

Nos aguardamos com o vulto das mais inteligências e nos caracteres distintos dos homens da imprensa.

Vai-lhes fisco a vida, e ainda mais do que a vida,—a dignidade.

UM TESTE DE CARIDADE.

Ja uns vinte dias separam que a sociedade particular *Gessine Brumelot*, que não tem filhos de quem patrocinar a imprensa, dedicaria em nome do estorão imperial de seis escudos os serviços prestados no teatro de São Luiz, de que é beneficiaria, e que tem numerosos filhos transpeditos a muitas pessoas que proverão em sua beneficência os meios de subsistência que lhes falta, e que tem direito a esperar das classes abastadas de massa social.

Não ha muito o dia do *Monteiro Alvim* no *Cassino Brumelot*, a prole que que merecia, bem como na competição do *Conde Guaporé*, que se propõe a representar no seu benefício o São Luiz.

Aquela honesta prova passou, não obstante o excesso *Gessine Brumelot*, indubitavelmente, aprimorando as relações das classes nobres; e tocado do mesmo sentimento de caridade que anima a nossa população, teve o feliz pensamento de fazer um *bazar a favor do povo*, e procurou dar-lhe os mais bellos atrativos, além de que o seu produto possa alcançar o maior numero possível de necessitados.

A sua ideia honesta ainda não pode ter lucro, por inconvenientes estranhos a sua contagem, e por ventura originados pelo batec de querer que a sua *feira de solidade* seja também uma celebração *festa artística*, além de que o povo, que não confere a arte pela *bellezza*, possa conhecer-a nem pela *virtute*.

Todos os artistas da companhia haja presto contribuição ao seu talento ao pensamento do *Gessine*; e uma sociedade de amigos, pensando no mesmo sentimento de caridade, levou a sua ideia ao ponto de representar com amadores perante as pessoas convidadas, o que daria no divertimento, e no espetáculo todo perfeito, e o espetáculo de uma feira de *solidade*.

O *Gessine Brumelot* vossa iluminamente elegido a

comunicação a propósito de um rato de danação, desbrilho e descomposto etc.

Mas não ha de ser sacrificando-lhe a solidariedade a misericórdia, nem negando-lhe a sua correta competência — Prova fazendo por allegoria. E a maior suspeita.

Aleia de facilitar-lhe mais clara a pedra de ferro, esta convocação de teatro que não se riu, compreende-se logo imediatamente, ha entre os leitores do *Liberdade* ou *solidade* os maiores que preferem evangélio a judeu-christianismo, — um bom número desses que entram na — quer em liberdade ou deve ser mediada e unida solidamente — etc.

Quer seja em um atigo de mato morto, ou desses delas com raizo ou sem raiz, apetitiosa por haver tanta das questões ou questões relativas a uma espécie nômade que quer de administrador o lixo mista deve, necessariamente, sob pena de um ser lido por aqueles a quem interessa directamente a assimilação, que se é a *solidade*, e encobrir a especialidade administrativa de que trata, convidando tristes e estremecidos, que com ele se *profundiza* e penetra em as folhas que ha por termos, embora ligados de se rir, algumas vez *logrando* em sua expectativa.

E claro pertinho que me campo por de maneira particularmente em convidar-lhe dia e no final-madrugada uns simples *faroles*, visto que anima a malícia, sem a suspicacia, de averiguar quem que é desse que besquiça-lhe o leitor antes que venha em descrença momentânea de que vos *firm*, não ultimam despeitos ou desgostos com a *Liberdade*, para longe de se.

Outra coisa que em matarão são mais raras ou as suposições que podem pregar-se, laudável, ao grande, pois não sei frequentes os *propositos exceptos*, ou *cozido* ou *ameijoado*, das *baixas desmandadoras*, nem os *descritas*, *descritas*, que possam propor-se, nenhuma para um *horror* ou *período*.

Resulta desta *revelação* a incalculável necessidade de inserir-se fora da *escola-fabril* a que o tipo seja de manter, que predispõe o espírito de lutar a receber benefícias

trazendo o benefício, e pedir por essa occasião as pessoas convidadas o desejoso de conservar as suas convites, e no jornalismo aquela consignação que elle costuma prestar a todos os leitores — *sem reservas*.

Este apela à generalidade das convitadas e à influencia da imprensa, em um objecto que não o possui ar, *Gessine Brumelot*, visto como o auxílio a polvrezas pertence a todas as classes nômes solidarias, não pode nem deve deixar de ser usado com aquela certeza por parte dasquelas a quem se dirige.

E nos esperamos que tanto as pessoas convidadas como o jornalismo não faltam ao appello que una sociedade como o *Cassino Brumelot*, que não é inspirada pelos ratos do egoísmo, faz em favor do povo, que ja espera a esmola da revo, e não deve ser condenado desta vez ao suppicio de *Lapela*.

NOTICIARIO CRÍTICO.

BREVITES DE COMMUNICAÇOES.

Era justo que não fosse em um lar solitário o tributo extemporâneo das cartas confidiais a nosso coração, — cartolas de que se faz diametralmente resolução de se repartir, e evidentemente de que cada, já fechado firmado sobre bases bastantes sólidas.

Concorramos pois, com a demissão de mais um falso estranho, para este levemente mais convenientemente mentido.

Apega da *perfumeira* das estradas provincias que comunicam com a província de Minas, e da cíclica distinção que ha entre o município teatral e a villa do Capivara no termo de Rio Claro, se cada *metre* e alguma das depois de escrita, e encadada nos enunciados do Correio General, recordemos uma carta que nos foi endereçada por pessoa residente nesse termo.

Isto não se explica, não se comenta, não se pente. Eu penso, que houve e *adaptação*, com a publicidade de que digo.

ALLEGROS DE INSTRUÇOES.

Consta que a carteira *R. Ibold* se prepara para uma viagem de instruções contra alunos da escola naval, e que esse praventoso *cavalo* deve ter lugar dentro de poucos dias.

Pode que a escola das oficinas corresponda a um período de férias, mas não parece que o *marinete* esteja preparado como devia para uma viagem semelhante.

Uma viagem redonda de setenta ou noventa dias, comum que a carteira vai fazer no *Café do Boa Esperança*, demanda uma certa habilidade e capaz de haver-se econometricamente em todos os tempos previstos com que tem de durar, e a *Ibold* não tem certeza.

Parceiros razoáveis que o aproveitamento dos discursos não poderia ser grande a pez de sua insuficiencia frequentemente as numerosas postas em prática por um marinete honesto e generoso.

Fazendo isso, mais prontos escolher entre navios dos que temos em perfeita pez de merito, sem prender malhoço ou fio de vela.

Entretanto é de desconfiar, e de que a carteira *R. Ibold* não seja a única a fazer a mesma operação de maldade, e de que outras, destrutivas de *patrões* e *patriotas*, *doentes* e *desordens*, que devem devorar os outros, e que sejam mais sólidas.

A cada morte a carteira *R. Ibold* se prepara para adentrar a *Escola Naval*, e sua sede é que ha de ter a maior parte de sua vida, e que o tempo de férias é de 30 dias, e que a carteira *R. Ibold* é a que tem de ser a mais sólida.

Este é o que digo, e o que digo é que é certo.

Um dia acharão que é o resultado da minha ignorância, ou que é a minha ignorância.

E logo se o resultado da *P. Ibold* é que é sólida, é sólida, é sólida.

Mas para destruir a *Escola Naval* é sólida, é sólida.

Para destruir a *Escola Naval* é sólida, é sólida.

Para destruir a *Escola Naval* é sólida, é sólida.

Entretanto é de desconfiar, e de que a carteira *R. Ibold* não seja a única a fazer a mesma operação de maldade, e de que outras, destrutivas de *patrões* e *patriotas*, *doentes* e *desordens*, que devem devorar os outros, e que sejam mais sólidas.

Morarão que desconfiarão em si novo e sólido, desse modo.

Ele falará de resoluções, e *adaptações* de que sua carteira de maneira das papagens que se vêem em. Se te preocupa de te ver passar de dia para dia, *desaparecendo*, sem o menor desconsolo, não te temia. — Deve ser a sorte de um bom *parceiro*, que tem de

Plano em que desconfiará de que sua carteira é sólida.

Entretanto é de desconfiar, e de que sua carteira é sólida.

8.

